



## CARTA À MINHA MÃE

*Stéfani Rosalem Mendes<sup>1</sup>.*

Goiânia, 01 de dezembro de 2025.

Querida mamãe,

Faz quase um ano que você se foi. Nesse curto período, que parece ser uma eternidade, muita coisa aconteceu por aqui. Sei que você está ciente de tudo e acompanhando minhas aventuras artísticas e acadêmicas daí do outro lado. Mas sinto a necessidade de falar com você de alguma forma e relembrar, pelo menos um pouco, os nossos papos e as fofocas da faculdade que eu sempre te contava. Sinto muita a sua falta, mais ainda desses momentos de partilha de sonhos, de realizações, alegrias e desafios. Me sinto tão sozinha desde que você se foi, mamãe. Perdi minha melhor amiga e hoje sinto que não tenho com quem compartilhar meus momentos, nem ninguém para me aconselhar como você fazia. Claro que tenho minhas amigas e meu esposo, mas não é a mesma coisa, você sabe. Uma travesti sem sua mãe é como um navio sem porto para ancorar.

Essa carta, então, é uma tentativa de conversar com você e partilhar um pouco de como está sendo a minha experiência no mestrado, esse sonho que sonhamos juntas. Também quero te contar um pouco da minha experiência na disciplina de Artes da Cena e Pluriepistemologias: Poéticas e Pedagogias, que estou finalizando nesse semestre e que movimentou muitas coisas por aqui.

Estou lembrando de como você ficou feliz quando eu te disse que eu estava aprovada no mestrado. Você já estava tão fraquinha, e mesmo assim celebrou comigo. Te amo muito por isso. Ao mesmo tempo que choro muito por você não estar aqui comigo compartilhando

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direção de Artes pela UFG. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena (UFG), artista-pesquisadora do Lab Transcentrado. Contato: rosalem@discente.ufg.br



todos esses momentos incríveis que o mestrado está me proporcionando. Esse ano eu já fiz tantas coisas, conheci tantas pessoas e passei por vários lugares. Quero muito te contar um pouco sobre isso.

Minha pesquisa, mãe, fala sobre o que estamos fazendo no Lab Transcitrado, meio que continuando e aprofundando naquilo que comecei no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Não tivemos muito tempo para conversar sobre isso, né? Não pude te explicar tudo que estou fazendo na academia e todas as movimentações que estamos provocando, especialmente esse ano. E sei o quanto que você queria ler meu Trabalho... sinto muito por não ter terminado a tempo. Sinto mais ainda por você não ter podido estar na minha defesa na graduação e mais ainda por você já ter partido no dia da minha formatura. Sei que era seu sonho me ver formado, espero que tenha assistido daí. Também sei que você se interessava por isso que estou fazendo, por isso vou tentar te explicar um pouco nessa carta.

Mãe, eu estou pesquisando os saberes transvestigêneres, lembra dessa palavra que te ensinei? Minha hipótese é que nossos corpos trans, por terem uma potência transformacial, produzem saberes encarnados, isto é, saberes próprios do corpo trans que irão interferir em todas as camadas da nossa vida, inclusive na nossa produção artística. Eu tiro esse *insight* a partir do trabalho de Ian Habib, um pesquisador transmasculine não-binário. Para ele, o corpo é o ponto de partida para todas as transformações, sejam elas no próprio sujeito ou no seu entorno, de forma que corpo e contexto se transformam mutuamente. Então eu vou olhar para o que algumas artistas trans em Goiânia estão produzindo e como estão produzindo para ver se minha hipótese é válida ou não, mas ao que tudo indica até aqui, acho que os resultados serão favoráveis.

Nesse sentido, o Lab Transcitrado tem atuado como um laboratório de experimentação artística em que coloco a prova as teorias que leio, as metodologias que fabulo e produzo, junto com outras travestis, uma peça, chamada Linha, Tecido e Agulha, em que contamos a história de um casal de duas travestis que são protegidas e acompanhadas por suas transcestrais. Você me perguntaria o que é transcestrais, tenho certeza. Essa palavra, mamãe, é a junção das palavras trans – e todas suas variações –, e da palavra ancestral. Nós



usamos essa palavra quando queremos dizer sobre aquelas travestis e pessoas transvestigêneres que vieram antes de nós e abriram os caminhos para que pudéssemos estar aqui. Nossas transcestrais são todas as travestis que lutaram pelo direito de estarem vivas, pelo direito a saúde básica, a educação e a sonhar. Hoje, dentro do Lab, nós dizemos que somos a realização desses sonhos que muitas delas não puderam conquistar, pois suas vidas foram ceifadas pela discriminação e pelo ódio – pela transfobia.

Minha pesquisa, então mãe, é uma ação política em que eu busco nessas que já vieram, nas que estão aqui comigo no mesmo tempo e espaço e sonho com as que virão depois. É a fabulação de um mundo onde nós e as que virão depois de nós possamos existir de forma plena e criar arte ao nosso modo, com as nossas referências e a partir de nós mesmas. É uma reivindicação de que eu possa contar minha história eu mesma; de que nós, travestis possamos sonhar nossos sonhos nós mesmas; que as pessoas trans possam falar por si só sobre si mesmas.

Esse encontro, entre as que vieram, as que virão e as que estão, é uma encruzilhada, sabe? Tem uma autora, o nome dela é Leda Maria Martins, ela é uma mulher preta que pesquisa as manifestações afrodiaspóricas aqui no Brasil. Ela vai dizer que o corpo é essa encruzilhada de temporalidades, é o encontro da ancestralidade com o presente e com o futuro, e que o corpo que está aqui, no agora, também está manifestando a memória do passado e projetando o futuro. Tudo ao mesmo tempo. Essa manifestação, ela chama de performance. Ela é uma autora que embasa muito os trabalhos que desenvolvemos no Lab Transcentrado. Hoje nosso espetáculo Linha, Tecido e Agulha é composto por um elenco majoritariamente de mulheres travestis negras. Com certeza isso evoca uma outra performatividade, corporeidade e outras cosmovisões para os nossos processos.

Me lembro de você dizendo que queria visitar um terreiro para conhecer. Eu ainda não fui em um terreiro propriamente dito, mas tenho entrado bastante em contato com os saberes das religiões de matriz africana e afrodiaspóricas. Confesso, mãe, que algumas coisas eu não entendo, ou talvez não acesse. Crescemos cristãs, né? Então algumas coisas ainda são meio difíceis de compreender. Mas fico lembrando de como tudo mudou quando eu me assumi



travesti. Você deixou a igreja por mim, ou melhor, por não gostarem de mim. Passou a ir atrás de conhecer mais a comunidade trans, assim como outras formas de cultuar a Deus que não fosse por meio da exclusão e do cerceamento dos corpos. Sou muito feliz por ser sua filha. Você sempre foi uma mulher muito aberta, ou pelo menos disposta a conhecer o diferente. Acho que herdei muito disso.

É por isso, por essa curiosidade com o novo – ou pelo menos o novo para mim – que eu estou gostando tanto da disciplina de Artes da Cena e Pluriepistemologias. Essa disciplina é conduzida por três mulheres incríveis, mãe, você precisava conhecê-las. As professoras Joana, Renata e Marlini são pesquisadoras dos saberes tradicionais, de matriz africana e oralizados. É uma outra pegada dentro da academia, entende? Nessa disciplina não estamos tão focadas naqueles trabalhos acadêmicos rígidos, rebuscados e cheios de metodologias (in)replicáveis. É muito mais um lugar de escuta, de aprender com os mais velhos, com aqueles que têm uma experiência real, encarnada e viva dentro das festividades e manifestações culturais populares e tradicionais. Acho que você me perguntaria que manifestações são essas. Creio que você não chegou a conhecer a Congada, pelo menos nunca me contou nada a respeito. Mas lembro de você falar da Folia de Reis e de como você gostava de acompanhar as festividades. É algo mais ou menos assim. A gente está estudando essas manifestações que têm um caráter popular e coletivo, em que a comunidade se junta para construir, cultuar e celebrar Nossa Senhora do Rosário. Muito por conta do sincretismo religioso. Pense na Congada como um cortejo vivo, uma festa ao ritmo dos tambores que carrega a memória de reinos distantes. É onde o passado africano, trazido com a dor da escravidão, encontra a fé brasileira, criando um espetáculo de devoção a Nossa Senhora do Rosário. Essa é uma forma de “atualização” da espiritualidade africana em sua pluralidade. É aquele lance da encruzilhada que a Leda fala. É a forma que as pessoas de África trazidas para cá à força encontraram para continuar celebrando seus reis e rainhas, assim como sua ancestralidade e espiritualidade. É o modo como essas tradições se mantêm viva até hoje e que a ancestralidade negra se mantém presente no dia a dia das pessoas.



Eu não tive a oportunidade de participar de uma festa de Congada especificamente ao longo da disciplina, mas pude vivenciar com os mestre e mestras que vieram falar com a gente.

Foram trocas incríveis e cheias de saberes transmitidos por meio da oralidade. Também tivemos a experiência prática, pois os mestres nos ensinaram muito sobre as musicalidades e sonoridades das Congadas, assim como a dança e o estado de presença que o corpo assume nesses momentos. Você iria gostar de me ver cantarolando as cantigas pela casa enquanto lavo a louça ou varro chão. Essas músicas pregam na cabeça. Vivo cantarolando “Oh meu São Benedito, hoje eu vi a sereia no mar / Joguei meu barco na água, meus irmãos me ajudem a remar”. É viciante, juro (risos). Ah mãe, como eu queria compartilhar essas coisas com você. Era nesses momentos que nos amávamos como mãe e filha. Até tentaria te ensinar os passos de dança. Só tentar, pois como você sabe, tenho dois pés esquerdos que não conversam entre si. Mas me diverti muito dançando com as professoras e tentando acompanhar os passos que os mestres ensinavam.

Um dia eu consegui fazer um trabalho de campo que foi muito legal. Eu fui ao espaço cultural Águas de Menino, fica ali perto do Campus. Era dia da descida do mastro de São Benedito. Esse levantar do mastro é uma promessa que o pessoal do espaço fez e que já vem sendo construído como uma tradição há três anos, se não me engano. Esse dia foi muito especial para mim, mãe. Teve música, teve dança, teve comida e muitos abraços. São Benedito é um santo negro, é muito cultuado principalmente no norte e nordeste, mas em todo Brasil ele é cultuado, especialmente pela comunidade negra. E admito, mãe, passei a gostar muito de São Benedito e ando trocando umas ideias com ele em minhas orações, ele parece ser um Santo muito bacana, assim como Nossa Senhora do Rosário.

Nesse dia no Águas de Menino, cheguei quando as caixeiras de São Benedito já estavam tocando. Logo que entrei era possível sentir a energia do lugar. Uma energia de alegria, paz e confraternização. Você tinha que ver, era lindo assisti-las. Elas se olhavam, cada uma cantando um verso próprio e tocando com tanto amor e sem perder o ritmo. Você iria gostar. Foi muito bonito. A sintonia entre aquelas mulheres me trouxe conforto e muita



emoção. Tinha um altazinho também para o Santo e todas o veneravam. Depois teve a descida do mastro, com mais música. Então comemos. Nesse dia tinha tanta fruta na mesa, acho que repus todos os nutrientes que estavam faltando (risos).

Depois, mãe, teve uma roda de Tambor Criolo do Maranhão. Ah mãe como você iria se divertir se tivesse lá. Foi tão legal. É uma confraternização linda. As mulheres em rodas, todas com saias dançando para os tambores. São três, dois no chão e um em pé. Elas dançam meio que saudando os tambores e é uma dança coletiva também, pois uma entra, saúda e outra entra e troca de lugar. Tem toda uma ritualística na dança também que é muito bonito de se ver. E sempre alguém cantando músicas muito contagiantes. Eu fiquei com muita vontade de entrar na roda, admito, mas também estava com vergonha e tímida – você sabe como eu sou nos lugares que não conheço. Também teve um almoço coletivo muito saboroso, comida feita com amor. Me lembrou a comida de mãe, essa que eu tanto sinto falta. Me emocionei em muitos momentos, senti uma euforia que ultrapassa a racionalidade. Um aconchego que há tempos eu não sentia.

Ah! Mas antes, teve um momento que duas senhoras chegaram trazendo ervas muito cheirosas que logo preencheu todo o lugar. Era uma mistura de sons, cheiros, sabores, calor e visualidades que encantavam qualquer um. Ali, mãe, eu soube que para além do que fazemos na terra, há algo, um mistério, algo sutil que atravessa todas essas esferas sensoriais e chega no coração, ou em algo ainda mais profundo que costumam chamar de alma. Isso me lembra a Leda novamente: ela vai dizer que é nessas visualidades, nessa plasticidade do momento, nessa experiência sensorial que se dá o encontro e que aquilo que ela chama de tempo espiralar se manifesta. Eu soube que ali não estávamos sozinhas, estamos todas juntas, celebrando com as que vieram antes e com as que virão.

Eu estou falando tudo isso, pois é nesse sentido que a disciplina tem me ajudado a pensar meu trabalho no Lab Transcitrado, sabe, mãe? Enquanto diretora de arte tenho pensado muito nesses elementos plástico-visuais que irão mais do que representar ou simbolizar uma transcestralidade, mas convidá-la a estar conosco em nossa performance. Quando penso nesse encontro de saberes afrodiaspóricos e os sabres transcestrais, vejo que o



corpo é mais do que o lugar de encontro, mas a encruzilhada onde os tempos se misturam, as vozes falam em conjunto e os caminhos todos se abrem para as que virão. No espetáculo Linha, Tecido e Agulha eu interpreto a Bordadeira, que borda não o destino, nem o futuro, mas as possibilidades que somente o encontro e a presença podem produzir. Isso está ligado ao conceito que minha amiga Serena Claus postula, de Corpo-Agulha, que é esse corpo trans que manifesta sua potência transformacional ao deixar um rastro trans-versal no tecido cultural. O corpo-agulha, a meu ver, é o encontro do Corpo-tela de Leda Maria Martins, esse corpo encruzilhada, e o Corpo Transformacional de Ian Habib, esse corpo que modifica e é modificado pelo contexto que o envolve. Essas questões do corpo também estão interligadas com essas visualidades que comentei. Isso quem diz é a Leda, mas eu também.

Estou cunhando um conceito, Plasticidade Travesti, que irá dizer sobre essas visualidades, sonoridades e espacialidades que construímos no Lab Transcentrado. Venho dizendo que é uma forma de encenação das transgeneridades que tem o corpo trans como ponto de partida e encontro, o corpo como encruzilhada para fabulação de visualidades. É uma transição do termo direção de arte, para pensar o meu modo de fazer a luz, o cenário, o figurino, a maquiagem etc. Leda, quando fala do Corpo-Tela, também pontua que o corpo é uma imagem e que imagem é som, é cheiro, é sensação – imagem é corpo. Então todos os elementos que compõem o corpo em um momento de performance na Congada, por exemplo, irão ser carregados de uma simbologia que emerge do corpo e que o transforma nesse corpo performer. Nesse momento, figurino, maquiagem, adereços, tudo que compõe o corpo performer será também uma imagem da encruzilhada, onde passado, presente e futuro se misturam.

Outra coisa que venho pensando na minha pesquisa, a partir da disciplina, é que esses elementos plástico-visuais da Congada são também animados com a memória e a presença dos ancestrais. Muitos dos elementos que compõem a cena ritual e a performatividade da festividade são objetos que são passados de geração em geração e guardam em si a personalidade daquele ente que se foi. Penso em como isso é bonito e de como isso mudou a dinâmica que tenho tido com os elementos da minha personagem em Linha, Tecido e Agulha.



No nosso espetáculo, levantamos altares a nossa personagem transcestral, e nesse altar eu tenho evocado a sua memória como essa grande mãe que me acompanha. Deixa-me explicar.

A Bordadeira, minha personagem, não é alguém real, a não ser eu mesma, mas ela é a imagem de uma transcestral. Então, enquanto performo/atuo/interpreto, eu cultuo a Bordadeira. E nesse altar que levanto para ela eu chamo você, mamãe, pois ela representa as mães travestis, aquelas que cuidam das outras, as mães da Ballroom, as travestis donas dos casarões e também as mães como você, que, independentemente de qualquer coisa, se mantém como mãe amando e cuidado de suas filhas travestis. É por isso que passei a trazer sua caixinha de joias para compor o meu altar. Com todo respeito e cuidado. Acredito que esses objetos que carregam a memória de nossos ancestrais e nossos entes são também objetos encruzilhadas, onde o passado e o presente se confundem e se transformam. Mas também é um jeito de sentir você perto de mim, mamãe. Sempre que estou como a Bordadeira, sinto que também estou mais próxima de você.

Espero que daí de onde você está, esteja orgulhosa do que estou fazendo aqui. Não está sendo fácil fazer isso sem meu porto seguro, sem minha âncora e sem minha melhor amiga. Sinto falta do seu abraço, dos seus sorrisos e das nossas conversas. Mas essa carta foi uma tentativa de evocar, ou pelo menos simular esses momentos com você, e de poder contar um pouco, só um pouco, do que estou aprontando por aqui. Você iria adorar tudo que estou descobrindo e explorando. Saiba que estou dando tudo de mim nesse mestrado. Esse é um sonho que sonhamos juntas. Que celebramos juntas e que, infelizmente, estou trilhando sozinha. Mas prometo que irei realizá-lo por nós. Sei que olha por mim, sei que sorri daí. Enquanto eu lembro de você a todo momento. Sinto saudades todos os dias. Te amo para sempre.

De sua filha, com saudades,  
Stéfani Rosalem Mendes.



## Referências

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Revista Letras*, Curitiba, n. 44, p. 111–122, 1996.

HABIB, Ian Guimarães. Corpos transformacionais: os estados corporais e as políticas dos corpos transgêneros na cena contemporânea. In: **ENCONTRO CIENTÍFICO DA ANDA**, 6., 2019, Salvador. *Anais eletrônicos*. Campinas: Galoá, 2019. p. 1072–1086. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2019/trabalhos/corpos-transformacionais-os-estados-corporais-e-as-politicas-dos-corpos-transgen?lang=pt-br>. Acesso em: 23 dez. 2025.